Anno II — OVAR, quinta-feira 30 de Dezembro de 1909 — Numero 88

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
Composição e impressão—IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assiguantes 25 % de abatimento.

Jozé Estevão

Foi o Mirabeau da Revolução portugueza: mas sempre leal e honrado.

Poucas nações oferecem o tipo mais completo e perfeito de um orador da Revolução. Possuia todas as distintas qualidades de tribuno destinado a falar ás massas e a propagar as idéas mais santas, jenerozas e elevadas. A par de uma figura nobre, respeitavel e atraente, a natureza dotou-o de uma intelijencia viva, de ardente e fertil imajinação e de uma eloquencia tal, que não ezajeramos afirmando que, se ele tivesse vivido em França, teria deixado um nome universal. Poucas nações se orgulham de possuir um orador d'esta plana.

Falava com extrema facilidade: voz sonora, forte e vibrante; dos labios saíam-lhe jorros de eloquencia, que a todos enlevava e arrebatava, ainda mesmo os mais acerrimos inimigos, que elle sabia confundir e subjugar com a majia da sua palavra.

Quando Jozé Estevão se tornou um orador e politico feito, com a sua eloquencia só fez baquear ministerios e levantar novas situações politicas!

Isto basta para se avaliar o poder e a força d'este orador verdadeiramente extraordinario.

Quando falava, assumia uma atitude altiva, nobre e majestoza; a sua fronte larga e espaçoza e sua testa elevada, d'onde pendiam para as costas os cabelos em dezalinho, irradiavam de luz e de jenio. Tornava-se um homem verdadeiramente superior aos mais homems.

Todos ficavam suspensos em suas imajens vivas e de artista, arrebatados com o fogo da sua palavra quente e inflamavel e comovidos com as frazes eloquentes, que lhe saíam dos labios aos jorros e com facilidade e expontaneidade.

Diz-se que Jozé Estevão era ignorante e pouco estudiozo; não é tal. De sobejo provam todos os seus discursos em que mostra muitos conhecimentos de direito publico e de historia e se revela versado nos melhores autores.

Jozé Estevão conviveu sempre com os primeiros homens de ciencia e de letras do seu paiz, que o admiravam. A sua conversação, alem de prender a todos pelo espirito extraordinario de que era dotado, recreiava pelas suas ideas originaes e por seus conhecimentos fora do vulgar. Falava de tudo e entrava em todos os assuntos mostrando sempre grande intelijencia, orijinalidade e superioridade.

Jozé Estevão foi dos raros descendentes da raça de Fernandes Tomaz. A sua honradez e lealdade politicas são inexcediveis. Toda a sua vida pelejou com ardor pela liberdade e democracia. No fim dos seus dias ainda deu um ezemplo de raro patriotismo e de coerencia politica. Quando viu que a Rejeneração foi um pacto traiçoeiro para a liberdade, rompeu com todos os seus amigos e afeições, e deu um passo á frente, tentando de novo levantar o estandarte da democracia, porque pelejou sempre.

A morte prematura roubou á liberdade este campeão valente e leal. Foi uma perda, de que ainda hoje estão sofrendo as modernas jerações, e a politica nacional, desmantelada e em completa desordem e anarquia, que tem levado o paiz ao estado morbido em que se encontra atualmente.

Na mocidade Jozé Estevão andou sempre de espingarda ao hombro, combatendo pela liberdade contra a tirania. Distinguiu-se notavelmente e pelejou contra D. Miguel com o grande ardor e entuziasmo que o carateriza vam. Era valente, animozo, e de extrema corajem, quer na guerra e quer nas lutas parlamentares e politicas. Ao acabar a guerra civil, depôz as armas; mas poucos anos depois entrou no congresso constituinte, batalhando pela liberdade e democracia com o mesmo ardor e fogo. Animava-o o amor sagrado das ideas que bebeu na infancia e por que pelejou. Jozé Estevão foi dos raros homens de Portugal que mostraram devoção sincera pelos principios. A Revolução era para ele uma relijião; renegar d'ela um nefando sacrilejio e uma apostazia repugnante.

Combateu a tirania de D. Miguel e teve a corajem de combater sempre a tirania de D. Maria II.

Pegou em armas quando viu a Revolução de Setembro atraiçoada.

Depois foi dos *patuleas* mais entuziastas e dedicados. Tinha a intrepidez, a lealdade e inflecsibilidade de principios de Fernandes Thomaz, e o coração nobre e jenerozo de Passos Manoel; mas sem cair nas fraquezas d'este estadista. Não se comovia ante as lagrimas d'uma rainha rebelde e conspiradora; esteve sempre ao lado do povo pugnando pela sua cauza. A sua rijidez e austeridade de principios, a coerencia e a probidade politica, são um dos carateristicos deste vulto da historia de Portugal.

Jozé de Arriaga.

Centro Escolar Republicano de Ovar

Assembleia geral

Convidam-se os socios d'esta agremiação a comparecerem na séde do Centro, domingo prossimo, dia 2 de janeiro, pelas 7 horas da noite, afim de se proceder á eleição dos corpos jerentes, e tomarem conhecimento do relatorio de contas da direção.

O secretario,

Luiz Ferreira Neves.

A OBRIGA

"BOAS-FESTAS,,

Velhos uzos e velhas praxes, fazem que ao alto de qualquer publicação periodista venha impresso, neste momento do ano, o cartão felicitativo. Cá veio tambem inserto, e, agora, em *post scriptum*, que cairá no deserto, pio leitor conversemos.

As «Boas-Festas» (o leitor sabe-o como um ex-abade Loisy, ou como um Chrisostomo, *Lingua d'ouro*) fizeram-se, no mundo cristão, para significar que uma hora ha de fraternidade super-terrestre, de verdadeira *Tregua de Deus*, e essa hora bemdita é aquela, augusta e culminante na historia, do nascimento, ou melhor consubstanciação carnal de Jezus Cristo no *Deus-Menino*.

Silencio então se impõem a todas as rixas e destoancias, o odio se raspa, como uma tinha venerea, de todos humanos peitos, e associadas as creaturas de Deus que pela vida fora se andam filando e mordendo, sob as arcarias do templo e no simbolismo do agape da consoada á *Nova Era* se ascende n'um ideal e espontaneo fluir das imanentes forças interiores. D'um modo irreprimivel, seguro, dezopressor, é a realização d'aquele poetico quadro, o *Calumet de la Paix*, da pena satanica e singularissima de Baudelaire; é o parentezis em que na candoroza injenuidade da Fé o humildo se eleva, e abstrae da injenita inferioridade; emquanto o grande se abaixa, e reduz suas prosapias a sêr apenas um homem e um irmão entre irmãos!

Ora, meu pio leitor, sem esse sentido transcendental e sem essa expressão-tipo, a formula «*Boas-Festas*» é uma forma verbal absolutamente perdida, como um velho e veneravel pensamento incrustado, mas incompreendido, n'um idioma barbaro, e imune de afinidades com a expressão empregada.

Assim nós não o compreendemos hoje uns, e não o procuramos realizar, esses mesmos que lhe adivinhamos a trama intima, de sorte que o simbolismo cristão do Natal, velha aspiração etica das diversas raças humanas, retemol-o apenas pelo exterior e o acessorio, vaporizado para nós o estimulo da sua razão de sêr subjectivada.

O *Natal* punha em vibração as almas sem discrepancia, nos tempos de Fé pujante, de idealidade juvenil, quando o homem ainda via no ceu a suprema glorificação dos *Trabalhos* e a finalidade bemaventurada d'uma ezistencia de provas, de sacrificios. Nos seculos em que a espiritualidade doirava da sua aureola mistica as torrelas dos mosteiros e a flecha, cheia de arrojo e de maravilha, que eram as torres das catedraes, n'aqueles tempos de espantoza difuzão de gnomos, diabos e lendas cristans, então, pouzada a escarcela, tirado o escudo e metido na bainha o guante destruidor, o guerreiro, o monje, o principe, curvavam-se e aceitavam o senhorio tocante, dulcido, amavel, da estrelazinha que na remota Betlem, anunciava o *Mundo Novo*, reino da paz e do amôr...

Vivia-se de pestes, de fome, de frio aljido, de servidão minacissima, no sopé do castelo, entre a meia duzia de côlmos que negrejavam humilimos, mas n'aquelas noites de tormenta e neve, por maravilhozo condão da Fantazia e do Sonho, o ilota achava-se grande, homem egual a senhores, filho de Deus e, por consequencia, lejitimamente rei livre no mundo circunjacente...

Eram as comunas salteadas por todos os males, desde os devidos aos homems até aos provocados pela natureza, ampliavam-se e fortaleciam-se á custa d'uma luta intermina de seculos de rezistencia, de revolta; e só havia a *Tregua de Deus*, quando, no ninho de ave de preza do conde vizinho e autoritario, mão invizivel e de rescendencia divina vinha colocar sobre um montão de elmos e bronzeadas vizeiras, o retabulozito de um presepe gravado em velho marfim...

De cordilheira a cordilheira, de oceano a oceano, por todo o mundo europeu recem-surjido da barbarie dos *Sagas* e dos mongoloides d'olhar obliquo, quando no carrilhão das Bazilicas soava o tanjer da *Missa do Gallo*, papas, reis, poderozos, baixavam as espadas rubras e gotejantes, e, por momentos augustos, inesqueciveis, reconheciam ao homem o imanente Direito de viver pacificamente, e o de folgar e respirar á vista do sol acariciadôr...

Tambem, ainda que mascarada, era a quitação da justiça!

Fizera o pobre a Bazilica, a catedral fora erguida em pedra, em jenio, em ideal infinito, pelo *francomação* sem eira nem beira, dar-lha por uma vez, na ezistencia livre e reabilitada, não era demais no destino. Não! Era a paga celeste, providencial, das suas agonias sem nome e um como que antegozo das prelibações d'alem vida. .

Hoje não ha a Fé n'um ceu que até os crentes davam em troca de qualquer ucharia mundana, e ha, entre os homems, revolvendo-se na sua infima gotinha d'agua, perversidades de luta verdadeiramente satanicas.

Quem tanje os carrilhões das igrejas não é agora o sineiro, filho do povo e da poesia humana desventurada, é um qualquer Belzebuth, perfeitamente de carne e osso; da carne mizeravel e invejoza que apenas sabe fitar o chão! Assim, perdida a expressão vital, falsificado o sentimento, morta a espiritualidade dulcissima, o sino do Natal perde-se n'uma repercussão de notas sem alma, e vae morrer nos confins do mundo sem levar a claridade a uma vida, e a esperança—a sempre verde!—a um espirito...

O acerto d'aquele inglez, Tomaz Hobbes, *Homo homini lupus*, nunca foi tão rigorozamente veridico e tão contundente e aspero, é o homem contra homem, a familia contra familia, a cidade contra cidade, a nacionalidade contra nação, é o continente contra continentes..

O lar domestico, esse proprio, é um universo aonde subsistem antipodas e horizontes pronunciadamente antagonicos, e Deus, esse tonitroante e impenetravel lejislador de *Decalogos*, já não dispõe de *Sinais* sobre cujas nuvens fulmine os homems irreverentes, que, positivamente, lhe fojem.

Ao lado do que desaba e se putrefacta, por toda a parte, ainda não se elevam as ojivas e as colunas corintias da *Bazilica Nova;* protelando-se e arrastando-nos pelos seus meandros e bécos a epoca de transição, de formação, que se vive agoniada e incertamente.

Tu bem o sabes leitor pio... visto que o sedimento do odio, da fereza bruta, até pelo morto te é submnistrada com o ar e a vida:—até os mortos, nos seus covachos, irreprimivelmente se odeiam e de marco a marco se excluem, e, tu o sabes, por lhes sentir o dominio, em muitas couzas—os mortos mandam ..

Tu o sabes porque confessas viver de iniquidades absurdas, a que te agarras por raizes fundas e proteiformes, n'um mundo onde, na verdade, não ha uma hora de tranquilidade afetiva.

Perdida a fé no sobrenatural d'outros tempos, que sossobra desabando por baixo dos nossos pés, aproado o rumo da nau em demanda de nova Atlantida, as sobrevivencias do passado, mumificadas pela distancia, não servem já de *Cruzeiro* que campeie luzente e fortificante no meio da derrocada e do cachoar que nos cercam.

Cinzas frias que se dezagregam e cinzas mortas que se dispersam, só a crença de fortaleza generoza as pode aquecer ao seu seio, e só a lira dos bardos as faz ainda viver!

Repostas na sua indole primitiva, aceites no seu anêlo inicial, podem sêr cinzas de que a vida, ainda, se eleve, não já com os pensamentos n'aquele ceu que, definitivamente, perdemos; mas com os olhos na terra que temos de conquistar, transfigurada por nosso esforço. Quer dizer: transformação e iniciação.

... Ora o Natal—diz a lenda e clamam aquelas cinzas,—ora o Natal—sonha rutilamente a consciencia—, vem para se enlaçarem os homems n'uma familia de irmãos amigos e *todos uns por os outros*.

S-não—não; isto é, leitor pio de acrizolada paciencia, senão não se fale de «*Boas-Festas*»...

Antonio Valente.

Commissão Parochial Republicana d'Ovar

Esta commissão convida por esta fórma os republicanos d'esta freguezia a inscreverem-se no respectivo cadastro partidario.

Para esse fim podem dirigir-se ao signatario ou a qualquer dos restantes membros da commissão, os cidadãos Luiz Ferreira Neves e José Tarujo Laranjeira.

O Presidente,

Domingos Lopes Fidalgo.

RENUNCIA

Julio de Vilhena, chefe nominal uns dois anos do partido rejenerador, reunidos ha dias os marechaes e grandes d'esse partido historico-constiticional, nas mãos dos subordinados depoz o alto logar da chefia. Sáe assim da politica, onde nunca a sua ação e intelijencia brilharam de modo claro, precizo, util, e entra onde deviam acolher-se todos aqueles chefes monarquicos que, não reclamando penitenciaria para os seus crimes de leza-patria, ao menos n'uma renuncia oportuna desembaraçariam a nação da sua presença nociva, e dariam ao alto um ezemplo a ponderar e seguir. Julio de Vilhena—sem ofensa para o homem publico que na politica contou os dias de vida pelos insucessos—ao retirar-se para a solidão da existencia anonima leva comsigo a certeza de haver praticado como politico um unico acto racional digno, o da sua abstenção, valha a verdade, mais nobre do que era dado esperar-se *et pour cause*...

Foi teatralmente nomeado chefe do partido rejenerador com a missão, o encargo de lhe conservar a unidade, e lhe trazer garantias de sucessão normal ao poder. No primeiro intento foi d'uma infelicidade que raia pela inverosimilhança, fujiam-lhe todos, sacudia-lhe a chefia toda a jente, de modo que, poucos mezes rodados sobre a sua eleição estrondoza, achava-se sem um soldado, sozinho entre os seus, e ridicularizado entre os outros...

Quanto ao segundo propozito da sua missão como chefe sabe-se como a coroa o disfructou e, enojada, ha trez dias o atirou ás ortigas com uma patada no ventre. Falencia completa, notoria, rizivel. Vae então, abre os olhos a uma evidencia cruel, e dá-nos o espetaculo final—este bem outro do que o esperávamos e honrozo, não ha negal-o—da desistencia.

Sáe pela porta deanteira e de cabeça erguida... seja em desconto dos seus erros e da sua passada subserviencia.

A crise monarquica, essa, segue pelo seu plano inclinado e em continua aceleração: é dos principios sociolojicos e é das leis da mecanica...

Já não tem alta possivel e o que ha a desejar, no inevitavel, é que com o seu baque no abismo nos deixe imunes, visto têr-se de transformar e refundir tudo:—tarefa que ezije em sacrificio, em trabalho, em dedicação e em teimozia não aquilo que não tenhamos nas nossas enerjias indejenas, mas aquilo a que não estamos afeitos, mal habituados como vivemos. A' renuncia d'um seguir-se-ha a desistencia d'outros e por bem ou mal, certamente, proximamente a desistencia forçada da monarquia.

Preparemo-nos nós para no novo e futuro estado correspondermos á importancia do que de nós ezje a nacionalidade, que temos de honrar com a nossa faina. Tempos novos: novas responsabilidades e nova vida.

Carta de Coimbra

Com as ultimas chuvas torrenciaes, diluvianas, veio a cheia ao rio. Transbordando, alagaram-se os vastos campos marginaes e na corrente tôrva e rapida, dançando exotico cancan, passam madeiras, fructas, canniçadas, dinheiro que o mar sepulta, lareira que arrefece, miseria que fica a sorrir á porta do casebre.

A parte baixa cá do burgo, lugubre, estreita, está tambem barricada, bloqueada pela agua.

Lembra uma Venesa d'aguarella pelintra, infiel, caricatural, sem pombas nas suas praças, sem embuçados e lyricos amantes, gondolando os seus ciumes e as suas paixões; sem *doges* barbaçudos e sem a historica ponte dos Suspiros.

E' uma cidade de tragedia e farça, de lama, de miseria e de luto, em que o dedo do Destino apóz este rotulo flamante de ironia doce: a porcaria lava porcaria.

Como todas as coisas, ainda as mais serias, as mais graves, o caso da cheia tem dois aspectos: tragico e comico.

A tragedia é a banalidade de sempre, aspera, muito intima: a miseria que vem abancar á mesa redonda do lar difficil, a unha adunca do crédor, e do senhorio o olhar inquisidor, tyranno, que rasga, que desnuda, que arripia.

A farça é cá fóra, pelas ruas, atrevida como garôto vadio, picante como cançoneta brejeira, no arejar dos cueiros, dos tachos, de ninharias, de grotescos, no desnalgar impudico de mulheres escandalosamente arregaçadas.

Barcos giram pelas ruas, cortam pelas travessas, deslisam rés-vés pelas janellas, peregrinando, como bondes exquisitos, seus dorsos plebeus galhardamente alcatroados.

Dando ás fraldas, num crú desalinho de sobresalto e riso, cada qual busca esgueirar-se a esta invasão brutal, nauseabunda e terrivel, e, grimpando-se ás aguas-furtadas do covil, ahi empilha os tarecos e baralha as economias.

A rua é um rio barrento, pesado como a tristeza das viuvas e frio como o despreso das almas vis.

A visinhança desgrenhada, alheirenta, cavaqueia dos postigos umas gracinhas sem tempero e o povo, o eterno e incorrigivelmente basbaque, vae afivelando ao caso o seu largo commentario de riso.

E a noite vem compacta e sôrna, vestir de luto este arraial de engaiolados, d'entrapeirados, como se, em cada alma, pesassem feiras francas de desgostos, de contrariedades e de sustos.

Os candieiros, a cada esquina, vermelhos como olhos furiosos de hymalaescos gigantes, espreitam o fluxo e refluxo das aguas e o lento trafego dos notivagos incorrigiveis, como policias mudos num ensaio do Dia de Juizo. E o vendaval, galopando pelas ruas tristes, lugubres e geladas, vergalha implacavelmente as frontarias quietas, num desespero epileptico, aniquilador e esbravejante.

Sobre a enorme desolação das pessoas, o *de profundis* dos elementos revoltos...

Ora aqui está o que é Coimbra, já vazia de estudantes, n'esta derradeira quinzena do anno.

Dezembro—909.

Z.

ECHOS DA SEMANA

O temporal

O fim do ano celebrizou-se de uma maneira bem triste.

Foi uma consoada trajica, de desgraça, invadindo toda a terra portugueza, tão causticada de desventuras, e arrastando no cachoar das aguas rebramidoras, fazendas, vidas, alegria. Em Ovar, felizmente, afóra prejuizos izolados e de pouca monta, apenas se fez sentir pela violencia ciclonica do vento e pela queda diluviana das chuvas. Mas por ahi fóra—que pavor, que desolação e ruinas!

Capitaes, como o Porto, açoutadas pelo temporal, com prejuizos de milhares de contos e uma perturbação doloroza na sua vida economica, provincias inteiras de luto, arruinadas nos seus campos, nas suas vias de comunicação, em toda a sua riqueza.

Longos dias de espetativa sombria, izoladas as povoações, todos sem noticias, todos sob a punjidora obsessão dos mais nefastos receios...

Ah! na verdade, é uma consoada que hade ficar na memoria—com uma larga vinheta de inequivoco luto.

Carater

Ninguem o contesta, áquelles magnos dirijentes rejeneradores que viram sair o seu chefe, chapeu ruidozamente na nuca e batendo as portas com força.

Brios de jente, carater,... mas é assim mesmo... sem duvida.

Sómente, depois que saíu o chefe, num *beau geste* de largo nojo' eil-os a intrigar, ferozmente, mãos no ar e olho filado no balandrau do penacho. Nem sequer ao menos o curial respeito das convenções, nem, ao menos, esperar que se encaixotasse o cenario da peça sensacional.

Rei morto rei posto; e ainda se sentem os passos do que recuou de vexado, toca a tratar se da vida e a engulir a tapona. Mas tudo isto—é dos livros.

Má vida

Leopoldo II, falecido monarca belga, foi neste nosso tempo de irreverencias, o tipo do rei escanhoado de preconceitos, e a caricatura fiel de Sileno na sua expressão moderna de sobrecazaca e monocolo. Gozou á farta todas as delicias da vida, gastando como um rajah e ganhando como um judeu. Agora é calculada a sua fortuna em duzentos milhões de francos, uma mizeria que não é menos de quarenta mil contos, ouro. Cornea vida e *martirizado* oficio de senhor rei.

Parecenças

O radiozo monarca nosso, que se passeou no Porto, domingo, ao dezembarcar em S. Bento, respondendo a uma fala da camara assegurou a sua simpatia pela cidade e não esqueceu na resposta acentuar a reciprocidade de cordealissima estima, entre a sua augusta pessoa e a leal e nobre cidade. Ha uns anos aqui atraz, D. Carlos, n'uma vizita real ao Porto, disse pelas mesmas palavras mas com maior concizão, e mais firmeza de acento:

«Pode o Porto contar comigo, como o rei conta com o Porto». Mas como não trouxesse nos bolsos o indispensavel de um livrinho de lembranças, a majestade esqueceu a fraze e o Porto ficou na mesma. Agora, louvado Deus, repete-se a cena antiga, e com as palinas, as lagrimas reconhecidas, e o entuziasmo burguezes dos nossos inabalabeis tripeiros. Feliz gente—afinal...

Mistificando

Lembram-se de Cook e de Peary, e saturaram-se de lêr estractos da verborrea com que se atacavam a dente os dois ilustres viajôres? Entuziasmaram-se com as suas narrativas, chegaram, mesmo, a apaixonar-se por um campeão do polo, *for Peary* e apostaram talvêz?... Pois olhem, Cook não dissipa as duvidas dos sabios dinamarquezes eleitos para arbitrarem, e que, discretamente, como compete a academicos, o suspeitam de farçolice e quanto a Peary—esse palrador malcreado, desfazem-lhe em Nova York, os seus proprios compatriotas, as lendas e historietas que formam a sua conquista do polo norte. Ambos intrujando—e hão-de confessar que com graça e habilidade... os tratantes...

Parlamento

No dia 2 de Janeiro, D. Manoel vae até ao largo das côrtes, sóbe ao cazarão de S. Bento, e perante as figuras poliquinelescas do costume, com o ceremonial da pragmatica, declara aberta a sessão e posta a maquina parlamentar em condições de funcionamento. Depois, o snr. ministro, por uma porta travessa, mal o rei ingresse a palacio, aparece ás senhoras côrtes e diz-lhes que para não imperrar a jeringonça é forçoso que se evaquem as salas. Assim se faz, e ficam seladas as portas com o adiamento dos mezes que haja o governo por bem carecer—para... estudar. E' isto o que vae sucedendo em cada semestre da monarquia radiosa, e isto é, certamente, o ideal de um rejime parlamentar.

Jozé Estevão

Passou domingo o centenario do nascimento de Jozé Estevão, o grande cidadão e grande tribuno portuguez. Démo-nos, n'esse dia, a rememorar *intra-muros* a biografia do grande homem, e a lêr, ao canto do lume algumas das apaixonadas estrofes da dantoniana voz.

E sem establecermos comparações—que ser-nos hia dolorozo termos de apear o jigante.

O empenho

Era inevitavel que não podia faltar, na luta dos galos Campos Henriques—Teixeira de Souza.

«As Novidades» veem acuzando o primeiro de escrever amaveis missivas, recomendando-se para a provincia; quanto ao segundo, á imprensa Campos Henriques dira que *pauzinhos* mexe. E tudo isto para se apanhar um penacho, que Vilhena vendo-o manchado de excretos, como homem limpo, abandonou aos moscardos. E' um aceio—a politica.

«Portugal»

Com este titulo publica-se no Rio de Janeiro um jornal quinzenario:—orgão do gremio republicano portuguez. Agradecemos-lhe a vizita, fazendo votos para que se realizem os nossos comums desejos, e para que o nosso confrade por muitos anos ezista, contando-os a datar da *era de Christo* d'um Portugal republicano.

«O Povo»

E' um excelente e denodado bi-semanario republicano, publicado em Viana do Castello. Condenou-o a justiça dos tribunaes, por pretensas ofensas a uma couza ás ordens dos jesuitas, o que não impediu que a liberdade, no fim de contas, fossem os reus; e que o nepotismo e o odio fanatico fossem as leis por cujas malhas espreita na solenidade das bécas, severamente a majistratura. Condenado, não vemos que não seja cazo de dar parabens ao «Povo» pelos belos dias de verdadeiro triunfo que o julgamento lhe trouxe.

ARA

INTIMA

Sem agazalho nem dó,
em abandono profundo,
caminho chorando, só,
Só!
Sem um amigo no mundo.

Levou-os a garra adunca
do tempo, e agora na vida
já sei que não volta nunca,
Nunca!
A dita uma vez perdida.

Eis a sentença lavrada
da minha sorte futura;
não terei um pranto, nada,
Nada!
Sobre a minha sepultura.

Bartrina.

BANDO

A ruina vem namorando Portugal ha muito tempo, fallando lhe em monologos tragicos de vendavaes e tremores de terra, mimando-o com sorrisos amarellos de bancarrota e desnacionalisação. Em todas as classes e em todos os ramos da nossa actividade social, vae lavrando a carie do descredito e da falta de solidariedade, como se cada um, presentindo a hora estranguladora da sua perda, quizesse couraçar-se com o egoismo mais feroz, gelado e brutal.

E, como se não bastasse n já todos os males economicos e politicos, os elementos revoltos propõem-se completar a obra homerica do nosso integral aniquilamento. Nas asas da tempestade e nas aguas infernaes e epilepticas, vão as parcas economias que nos restam e as pobres vidas de que tanto carecemos, ficando-nos em troco, a alma alagada de luto e as faces de pranto.

Por esse pais alem, na semana que passou, materialisaram-se a dôr, a fome e o desespero.

Immensas regiões do Douro, alcandoradas nos lombos das suas serras, garridas junto ao nastro colleante das suas ribeiras, são hoje como vastos cemiterios d'aldeia, pobresinhos de campas e mausoleus. Erram por lá, a carpir a sua viuvez e a sua dôr, aquelles infelizes que a cheia não levou tambem, não arrasou tambem, condemnando-os irremediavelmente á fome, á miseria e ao desespero.

Para o mar foram fortunas, a independencia, o agasalho e o conforto de tanta gente que, alli no Porto, mourejando tantos annos, conseguira, numas horas grandes de soffrimento moral, ver-se pobre como Job, sem um barco, uma casa e uns lençoes.

E, como se tudo isto fosse o passatempo agradavel dum senhor extremamente poderoso e feroz, o capricho galante dum mandão antropophago, paira agora sobre este mundo de destroços, de lagrimas, de dôr e de miserias, o riso quente do sol alegre e bom, o sol amigo dos rotos, e das pedras ervadas dos caminhos.

A cruel ironia das coisas...

Nesta hora amarga e dolorosa, vareiros! saibamos abrir as nossas algibeiras a esses que nada nos pedem, carecendo de tudo, e darlhes com a solidariedade das nossas lagrimas, o auxilio material do nosso dinheiro.

Um bando precatorio, paga modesta duma divida santa, não será mal recebido, queremos cre-lo.

Ovar, 28.

R. Trigueiro.

O Recenseamento

E' agora a ocazião de todos os eleitores não inscritos nos cadernos eleitoraes, ou indevidamente rejistrados, aprezentarem seus requerimentos, afim de serem incluidos, sem margem a duvidas ou pretextos eliminativos, nos cadernos do recenseamento. O partido republicano da melhor boa vontade e com a mais infatigavel dedicação, em toda a parte, promove a inscrição no recenseamento de todos os eleitores legalmente habilitados, sem se preocupar com o aspecto mesquinho e apaixonado das opiniões que se recenseam. Republicanos ou monarquicos, miguelistas ou socialistas, para todos, como eleitores, as comissões republicanas trabalham, inscrevendo-os nos rejistos.

Seguindo esse ezemplo e lição civica o partido republicano de Ovar oferece-se para recensear todos os cidadãos não incluzos nos cadernos,

isto sem preocupação partidaria, trabalhando com o mesmo zelo, com egual vontade, para a inscrição de monarquicos como para a de republicanos.

A todos os nossos amigos, aos nossos correligionarios, recomendamos, pois, que tomem a peito essa questão magna—visto que d'elle depende a expressão verdadeira ou a sofisticação do sufragio.

Procurem todos recensear os eleitores privados d'esse direito, e não se poupem para isso a investigações e a trabalhos. De resto, contem com o auxilio e a cooperação efetiva das comissões locaes partidarias.

Não se trata de solicitar sacrificios, ás vezes, realmente, custozos, e para os quaes, de resto, está sempre disposta a fé e a vigorosa energia republicana, trata-se de interessar toda a gente—inimigos e amigos—no cumprimento dos deveres sociaes de que dimanam os direitos publicos. Sêr eleitôr é a primeira condição e o primeiro dever do homem, procuremos, assim, que nenhum se conserve abaixo do seu logar e da sua especie.

Para se sêr recenseado basta ter 21 annos e saber ler e escrever, ou ser contribuinte.

No primeiro caso (saber ler e escrever) requer-se nos seguintes termos:

Ill.mo Ex.mo Sr.

F..., de... annos de edade, *estado, profissão*, morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... sabendo ler e escrever, requer a sua inscripção no recenseamento eleitoral.

E. R. M.

Ovar... de... de 190
(Assignatura)

No segundo (pagamento de contribuição) requer-se deste outro modo:

Ill.mo Ex.mo Sr.

F.., de... annos de edade, *estado, profissão*, morador na rua de..' n.º .... andar, reguezia de .., sendo coletado por contribuições directas do Estado em quantia superior a 500 réis como prova pelo recibo junto, pede a sua inscripção no recenseamento eleitoral.

E. R. M.

Ovar... de 190
(Assignatura)

GAZETILHA

A proposito dos ultimos temporaes, diz o correspondente da Povoa de Lanhoso para o «Primeiro de Janeiro» em telegramma de 22:

«As portas dos diversos estabele«cimentos d'este bairro, o mais im«portante da villa, estiveram fecha«das até ao meio dia, sendo as ne«cessidades dos moradores satisfeitas «pelas janellas, por gente molhada «até á cinta».

(*«Primeiro de Janeiro» n.º 304 de 24 de Dezembro de 1909*).

—

Senhor doutor Delegado
lá da Povoa de Lanhoso,
vossencia que é magistrado
integerrimo, illustrado,
não acha o caso espantoso?

Pois quê? Existe uma villa
a dentro d'este paiz
onde a moral se aniquilla
e a auctoridade, tranquilla,
nada faz e nada diz?

Se o telegramma é real,
o que é difficil de crêr,
o caso não tem rival
e nunca, nunca, a moral
se poude mais offendêr!

Só se em taes *apertadellas*
as proprias auctoridades
egualmente p'las janellas
fizeram, sem mais *aquellas*,
as *suas necessidades*...

Se assim foi, d'este jornal
o meu reparo se apaga;
e com respeito á moral
para o caso, serve a tal
do sapateiro de Braga.

Zzzt.

Amores, amores...

A minha amada mostrou-me as mãos de princeza levemente escoriadas dos folgares paganicos, na liberdade da selva, a minha amada que tem uns dedos fidiescamente esculpidos, para trazerem aneis e rozas e açucenas.

*

Tinha nos labios um ondeado vermelho, roubado pela fada sua madrinha aos tons pituraes da aurora e ás rubicundas cerejas; os seus labios, discretamente entreabertos aos galanteios da briza, capitozos e irrezistiveis como grandes bagos sorrindo na bôca d'uma romã.

*

A minha amada dava rizadas com um som peregrino de aljofares saltitando em cristal de rocha, e quando, porventura, falava, envelheciam de inveja os rouxinoes inspirados, que, nos ramos hospitaleiros do veneravel sobreiro, lhe vão fazer serenatas, pelas vijilias da lua.

*

Nem Salomão com seus canticos, nem o Potozi com o seu ouro consolam as dores humanas; mas os seus olhos batendo á porta dos corações sofredores fazem nascer a esperança e renovar-se a ezistencia: ela, a minha amada, aplaca as aguas revoltas e dóma as feras malignas.

*

As suas cômas, marmoreas e turjescentes, são dois fructos do paraizo, duas primicias perturbadoras, e o mais venturozo dos homens pode dizer-se um desventurado não lhes beijando a rijeza e a redondez impoluta.

*

A minha amada vi-a trazer na cintura um cinto de corações, emalhados estreitamente n'um entrançado de sonhos, e ainda me lembro do ar de graça que dava ao horizonte da tarde o seu andar sobre a areia, toda picada de sombras.

*

A palmeira do deserto, a mais *coquete* das plantas, quer vêr se a imita no encanto, á minha amada que batizaram de:—Palmeira; sonora e feliz imajem que quer significar: a que está acima, a que é vista de toda a parte, a que os olhos de todos buscam .. nos fulgores da Beleza virjem e nos arroubos da Fantazia, incoercivel e sempre viva.

*

A minha amada trazia nas suas faces uma pontinha de febre e a côr fragrante das rozas, mal acabadas de abrir; a minha amada que é guarnecida de espinhos em que os incautos se ferem, mas com outras feridas, mais serias, que não com as dos seus dedos, fidiescamente esculpidos para os coroarem de aneis, de açucenas, de rubis e de amôres-perfeitos...

Minusculus.

CORRESPONDENCIAS

Vallega, 14 de Dezembro

(Retardada)

Foi commentado desfavoravelmente o acto do clero d'esta freguezia, pela greve que fez no anniversario das almas que uma commissão resolveu fazer no ultimo domingo. A causa d'esse acto foi tão sómente o mesquinho interesse. Sempre a eterna questão do padre... o interesse!...

Mas narramos o facto. Ha annos que se deixou de fazer o anniversario das almas. Este anno uma commissão de individuos que sentem prazer em *pedir para os santos*, em vista de se ter pedido para todos os *santos* da freguezia, pareceu-lhe mal aquella *festa* ficar mais um anno esquecida. Ora no tempo do abbade fallecido a tabella era uma e presentemente a sêde do ouro em todas as camadas sociaes é illimitada, d'ahi a razão de que todos os trabalhos duplicaram em preço; pelo menos, porisso a tabella hoje é outra. O povo, o eterno soffredor, que é escarnecido na sua ignorancia, o povo d'aquella caricatura do inimitavel Bordallo Pinheiro, acceitou a albarda sem protestar e quando se lembrou de o fazer já era tarde.

A commissão promotora do anniversario das almas resolveu fazer a referida solemnidade com 7 padres em vista da esmola ser diminuta mediante a tabella do tempo do fallecido Marques Pires, fallando n'este sentido a quem competia. Este, porém, lembrou que não valia a pena preterir um visto que os padres residentes na freguezia, eram 8 e o que seria melhor era irem todos; e do preço tinha a dizer que era a nova tabella, mas que ainda assim fallaria com os seus collegas. Na vespera fez-se uma *reunião magna* do clero na qual fallaram varios oradores, sendo votada a *greve*, isto é, o alvitre de não comparecer nenhum padre, como assim foi, á excepção do Abbade e Padre Alves, que de todos, foi este o unico que não *acalou a greve*. As causas foram duas: Não irem todos e não receber pela nova *tabella*. A do fallecido Marques Pires concedia pelo alludido *trabalho* a esmola de 700 réis; a nova uns dizem que é de 1$200 réis e outros affirmam que é illimitada...

Se compararmos esta doutrina com a do sonhador da Gallilêa, que grande espaço transposto!!!... Este prégou o desapêgo aos bens terrenos, bem como a pobreza, a humildade! Que differença, santo Deus! O que se vê é o contrario da doutrina prégada por esse demolidor.

E assim o anniversario das almas se restringiu, tão sómente, a sermão na egreja e no cemiterio, e ao toque de marchas funebres.

Que caridade a d'estas *almas* para com as outras almas... Pobre d'ellas se estão á espera da intervenção de tal *gente*...

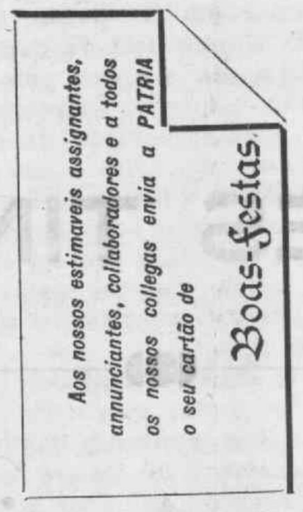
P. de M.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes que vamos proceder á cobrança do 2.º semestre, rogando-lhe o obsequio de satisfazerem os seus debitos logo que presentes lhes sejam os competentes recibos, o que agradecemos.

A administração.



Dia a Dia

Faz hoje annos o nosso sympathico amigo Henrique Araujo d'Oliveira Cardoso.

Felicitamol-o.

—Emquanto felizmente sua esposa tem experimentado algumas melhoras, continua gravemente enfermo o nosso amigo José Gomes Bonifacio.

—Entrou em convalescença o snr. Antonio Augusto Freire de Liz, digno escrivão de direito da comarca.

—Esteve entre nós na semana passada, de visita a sua familia, o nosso estimavel conterraneo e amigo padre João Gomes Pinto, bemquisto parocho de Lomba (Amarante).

—Encontra-se n'esta villa com sua esposa, onde veio passar as ferias em companhia de sua familia, o snr. Delfim José Rodrigues Braga, escrivão de direito em Cantanhede.

—Cumprimentamos n'esta villa, onde veio passar o Natal em companhia de seus velhos paes, o sr. Manoel Valente Frazão, considerado commerciante em Gaya.

—Regressaram ultimamente de Lisboa os snrs. João d'Oliveira Gomes Silvestre e filhos, João d'Oliveira Gomes e Manoel da Silva Borges, habeis constructores navaes.

—

Bombeiros Voluntarios

Passa no proximo dia 1 de janeiro o 13.º anniversario da installação da benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa, havendo as costumadas manifestações de regosijo.

De manhã tocará em frente á estação do material d'incendios a banda dos Bombeiros Voluntarios, havendo ás 10 horas formatura geral do corpo activo, o qual se dirigirá em seguida á egreja parochial para assistir á missa conventual. Haverá a seguir no Theatro Ovarense sessão solemne em homenagem a socios benemeritos, cujos retratos se descerrarão.

A' tarde tocará egualmente junto á estação de material, que será franqueada ao publico, a referida musica até ao anoitecer.

A' noite ha espectaculo no theatro, dedicado á Associação dos Bombeiros pelo novo club dramatico-musical-sportivo, cujo programma damos em seguida.

PARTE DRAMATICA

—

Segredo do Pescador

(Drama em 3 actos)

PERSONAGENS

O Marquez de Sandomil, dr. Sobreira; Visconde de Santa Barbara, J. Tavares; O Conde de Sanfins, E. Lima; João, pescador, dr. Lopes; Anastacio, sacristão, Nunes Branco; Roza, filha de João, D. Urbana.

Pinto, Leitão & C.ª

(Disparate tragi-comico musical)

PERSONAGENS

Violeta Roza do Amor Perfeito (conjunto de muitas flôres, que não dá uma flôr só; não é viuva, nem casada, nem solteira... é artista), *D. Urbana.*

José Gallo dos Santos Pinto (tenor que, apesar de gallo, ainda não tem voz porque afinal é pinto), *N. Branco.*

João Gavião Leitão (pae nobre e ensaiador da companhia; sendo alto, canta de baixo) *A. Pinho.*

Cordeiro Lobo (homem de 60 annos, velhote em busca de novidades; lobo no nome, cordeiro nas acções), *J. Pinheiro.*

Baratinha (creado de hotel, desprezando a lei das accumulações e tambem bicho de cosinha), *J Tavares.*

PARTE MUSICAL

1.º—Hymno dos Bombeiros Voluntarios.
2.º—Marcha Turca.
3.º—Cantata Sueca.
4.º—Amour et Printemps (valsa).
5.º—Dors, Bébé - Berceuse.
6.º—Une page d'amour (valsa).
7.º—Serenata Polacca.
8.º—Stella confidente.
9.º—Passo dobrado.
Etc., etc..

*
* *

Os bilhetes acham-se á venda na *Tabacaria Havaneza* dos srs. Ferreira da Silva.

O espectaculo principia ás 8 horas e meia precisas.

*
* *

Na eleição realisada no dia 19 do corrente, foram eleitos os seguintes socios para gerentes, em 1910, da Associação dos Voluntarios:

Presidente da Assembleia Geral—Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Direcção—Dr. Antonio dos Santos Sobreira, Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro, Antonio Augusto Freire de Liz, Manoel Maria Barbosa Brandão e Amadeu Soares Lopes.

Conselho Fiscal—Arthur Ferreira da Silva, Silverio Lopes Bastos e Dr. João Maria Lopes (supplente á presidencia).

Fallecimentos

—

Nas suas casas das Ribas, falleceram a avó do sr. João d'Oliveira Correia e o sr. Francisco d'Oliveira Salvador, tio dos nossos amigos Manoel e Antonio d'Oliveira Salvador.

As nossas condolencias.

Contribuições do Estado

—

Do dia 30 de janeiro em deante está aberto o cofre da recebedoria do concelho para o pagamento das differentes contribuições geraes do Estado, relativas ao anno de 1909.

VENDE-SE

—

Um magnifico predio de sobrado com quintal, agua encanada e muito bem dividido, no largo do Martyr (de traz da capella); e tambem se vende o bom predio n.º 44 da rua de Sant'Anna.

Este predio vende-se de novo por o caseiro não ter cumprido o contracto de compra. Liquidação positiva para sofrer compromissos.

A tratar com a proprietaria Joanna Rodrigues da Graça, no largo do Martyr.

Mercearia Valente

—

PRAÇA—OVAR

Acaba de expôr á venda um sortido das afamadas conservas d'«A Varina», que vende pelos preços da fabrica.

Tambem vende a superior farinha «Nestlé», por preço inferior ao Porto.

Acaba tambem de receber novas remessas de arame simples e farpado, rêde de arame, páz de ferro, fogareiros, tintas e um completo sortimento de ferragens.

Em mercearia:—de tudo e artigos de primeira qualidade

Tudo a preços baratissimos.

Reportorios e Almanachs

PARA 1910

Encontram-se á venda na

Imprensa Civilisação

Rua de Passos Manoel, 211 a 219

PORTO

—

Grandes descontos aos revendedores

Casa THOMAZ

O mais chic e variado sortido em

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS

Sempre as mais recentes novidades.

214, R. de Santa Catharina, 216

Em frente ao Primeiro de Janeiro

PORTO.

...ade de
civico que
...e unanimente
...anifestação, que

TANOARIA
E
ARMAZENS DE VINHOS
PARA
Consumo e exportação
DE
Carrelhas & Filho, Suc.or

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e todo o mais concernente á mesma garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS
OVAR